

Primeiro Episódio de Vozes da Educação - Atos de Leitura - 6/1/25

Texto introdutório:

Olá, seja muito bem-vindo(a)! Sou Mariela Faller e é com imensa alegria que dou início ao primeiro episódio de *Vozes da Educação*. Este programa nasceu como uma ponte: um lugar de encontro para histórias, experiências e a construção conjunta de caminhos de aprendizado.

Aqui, trilhamos percursos educacionais que nos conectam e transformam, sempre lembrando que essa jornada nunca é solitária. Seja você de passos rápidos, compassados ou alguém que se dedica a apreciar a paisagem enquanto caminha, o importante é estarmos juntos, compartilhando este momento.

Vale lembrar que nosso objetivo não é oferecer respostas prontas, mas ser terra fértil para reflexões e diálogos, estimulando novas possibilidades, onde sementes de inspiração para o pensamento coletivo germinem, floresçam e transformem o cotidiano educacional com criatividade e propósito.

BLOCO 1: Ler significa aproximar-se de algo que acaba de ganhar existência¹

E para abrir essa trilha de descobertas, nada mais natural do que começarmos com um tema fascinante, profundo e indispensável: a leitura. Afinal, como bem nos lembra o escritor Alberto Manguel:

Todos lemos a nós e ao mundo à nossa volta para vislumbrar o que somos e onde estamos. Lemos para compreender, ou para começar a compreender. Não podemos deixar de ler. Ler, quase como respirar, é nossa função essencial (MANGUEL, 2021, p. 24).

Essas palavras nos convidam a refletir sobre o poder transformador da leitura, que nos conecta tanto ao íntimo quanto ao universal, abrindo portas para novas perspectivas. Prepare-se, então, para uma jornada através do tempo e das tecnologias, onde a leitura e a escrita emergem como práticas fundamentais na construção da humanidade e na maneira como nos relacionamos com o mundo.

¹ Italo Calvino, *Se um viajante numa noite de inverno*, 1979.

Vamos voltar no tempo, há mais de 5 mil anos, até a antiga Mesopotâmia, onde os sumérios criaram o que é considerado o primeiro sistema de escrita da humanidade: a escrita cuneiforme.

Os sumérios viviam em uma região rica e fértil, entre os rios Tigre e Eufrates, e suas cidades eram centros de comércio e cultura. A escrita surgiu para atender a uma necessidade prática: registrar transações comerciais, calcular impostos e organizar os estoques dos templos.

Manguel (2021) faz um relato que evidencia isso. Em 1984, duas placas de argila de formato vagamente retangular foram encontradas em Tell Brak, Síria, datando do quarto milênio antes de Cristo. São objetos simples, ambos com algumas marcas leves: um pequeno entalhe em cima e uma espécie de animal puxado por uma vara no centro. Um dos animais pode ser uma cabra, e nesse caso o outro é provavelmente uma ovelha. O entalhe, dizem os arqueólogos, representa o número dez. Toda a nossa história começa com essas duas modestas placas. **P.S.:** Isso não quer dizer que toda a escrita tenha suas raízes nessas placas. É geralmente aceito que as escritas da China e da América Central, por exemplo, se desenvolveram independentemente. Mas, um fato é certo, essas placas estão entre os exemplos mais antigos de escrita que conhecemos.

Para o autor há algo intensamente comovente nessas placas. Quando olhamos essas peças de argila levadas por um rio que não existe mais, observando as incisões delicadas que retratam animais transformados em pó há milhares e milhares de anos, talvez uma voz seja evocada, um pensamento, uma mensagem que nos diz: “Aqui estiveram dez cabras”, “Aqui estiveram dez ovelhas”, palavras pronunciadas por um fazendeiro cuidadoso no tempo em que desertos eram verdes. Pelo simples fato de olhar essas placas, prolongamos a memória dos primórdios do nosso tempo, preservamos um pensamento muito tempo depois que o pensador parou de pensar e nos tornamos participantes de um ato de criação que permanece aberto enquanto as imagens entalhadas forem vistas, decifradas, lidas.

BLOCO 2: Tabletes e Tablets: suportes que contextualizam a leitura

Esses registros feitos em placas ou tabletes de barro eram, de certa forma, as primeiras 'nuvens de dados' da história, preservando o que era considerado vital para a sociedade da época.

Vamos a um exemplo que nos remete à escola? Em 1931, arqueólogos descobriram um pequeno tablete de argila redondo no sítio de Kish, no atual Iraque. O registro sugere o processo de aprendizagem de um estudante da antiga Babilônia, que não acertou um cálculo em sua lição de matemática. Hoje, esse artefato está exposto no Museu Ashmolean da Universidade de Oxford. Medindo apenas 8,2 cm de diâmetro, o tablete traz uma lição de geometria, que registra o cálculo da área de um triângulo.

O estudante anotou os números 3,75 para a altura, 1,875 para a base e 3,1468 como o valor da área. No entanto, o cálculo correto seria 3,5156. Esse resultado impreciso, embora pequeno, contribui como um dos marcos históricos que simbolizam a transição da humanidade de uma cultura baseada na memória oral para o registro escrito.

Além de suas implicações matemáticas, o tablete fornece um vislumbre sobre o processo educacional na antiga Babilônia. Muitos artefatos semelhantes sugerem o trabalho do professor de um lado e as aprendizagens dos estudantes do outro.

Esse aprendizado, preservado por milênios, é um lembrete de que aprender envolve idas e vindas. Ele também destaca como, mesmo hoje, a essência humana de errar e acertar para aprender permanece a mesma.

A introdução da escrita, por volta de 4.000 a.C., foi um marco tão transformador para a sociedade quanto a revolução digital que vivemos no século XXI. Hoje, utilizamos tablets e celulares para fins semelhantes aos dos antigos escribas: registrar, compartilhar e acessar informações. No entanto, a velocidade e o alcance dessas tecnologias são incomparáveis aos recursos disponíveis para os sumérios e babilônios. Se, na Antiguidade, a escrita era um privilégio restrito a um pequeno grupo de escribas, atualmente a leitura e a escrita são mais acessíveis do que nunca, embora ainda existam desafios a serem superados para garantir a plena inclusão.

No entanto, o uso dessas tecnologias não representa apenas um avanço prático. Ele também transforma a forma como nos relacionamos com a leitura, pois conforme

Manguel (2021, p. 57), “ler não é um processo automático de capturar um texto como um papel fotossensível captura a luz, mas um processo de reconstrução desconcertante, labiríntico, comum e, contudo, pessoal”, que é atravessado pelo conhecimentos, memórias e experiências dos leitores. Podemos imaginar que o gesto de tocar uma tela para o desenrolar do texto ecoa, de certa forma, o ato de marcar símbolos em um tablete de barro. Assim como os sumérios e os babilônios moldavam o mundo ao seu redor por meio da escrita, nós também usamos as ferramentas digitais para nos comunicar, criar e compreender nosso tempo.

E, assim como naquela época, a leitura e a escrita nos conectam ao outro e ao mundo. De que forma as tecnologias contemporâneas impactam a educação? Será que estamos aproveitando essas ferramentas para ler mais e melhor? Ou será que, diante de tantas possibilidades, o hábito da leitura está perdendo espaço em nosso cotidiano?

BLOCO 3: Uso do celular na sala de aula: reflexões e desafios para a educação contemporânea

Atualmente, tecnologias como o celular ocupam um papel central em nossas vidas, mas seu uso no ambiente escolar desperta debates relevantes.

Essa discussão reflete uma preocupação global. Segundo a Unesco, cerca de 25% dos países já implementaram políticas proibitivas quanto ao uso de celulares nas escolas.

A Itália se destacou como uma das primeiras nações a enfrentar o tema. Em 2007, restringiu o uso de celulares nas salas de aula, permitindo-os apenas para atividades pedagógicas. Em 2024, avançou ainda mais, proibindo totalmente os aparelhos em qualquer circunstância. Na Alemanha, a região da Baviera liderou o movimento, banindo celulares das escolas já em 2006. No restante do país, a decisão fica a cargo de cada instituição, permitindo certa flexibilidade no gerenciamento dessa questão.

A França, por sua vez, adotou uma abordagem nacional em 2018, proibindo celulares em escolas públicas para estudantes até os 15 anos, inclusive durante os

intervalos. Essa regulamentação será ampliada em 2025, quando os dispositivos deverão ser deixados na entrada das instituições de ensino. Na Suécia, o governo também está em processo de elaborar novas legislações para regular o uso de celulares em escolas.

Na Inglaterra, embora a proibição ainda não seja universal, várias escolas já baniram os dispositivos, com resultados significativos. Em uma delas, uma pesquisa revelou que 20% dos estudantes relataram uma redução substancial nas distrações após três meses da implementação da medida. Além de melhorar o aprendizado, a proibição promoveu uma interação mais efetiva entre os alunos, fortalecendo os laços interpessoais.

Um exemplo marcante de resistência ao uso indiscriminado de tecnologia nas escolas vem de Riihimäki, uma pequena cidade na Finlândia, localizada a 70 km de Helsinque. Após uma década de utilização intensiva de computadores e tablets, professores e pais optaram por retornar ao uso de métodos tradicionais, como caneta e papel, preocupados com os impactos negativos das telas no aprendizado e na saúde das crianças.

Apesar da ausência de uma política uniforme entre os 27 países da União Europeia, o tema ganha relevância no bloco. Ursula von der Leyen, presidente da Comissão Europeia, já sinalizou a intenção de estabelecer diretrizes comuns para restringir o uso de celulares nas salas de aula, reconhecendo a necessidade de uma abordagem coordenada para enfrentar os desafios impostos pela tecnologia no ambiente educacional.

No Brasil, o Projeto de Lei 4.932/2024, originado de um texto em tramitação desde 2015 no Congresso Nacional, busca proibir o uso de celulares por estudantes da educação básica durante as aulas, no recreio e nos intervalos. A proposta, fundamentada na preocupação de proteger o aprendizado e promover a interação social, ganhou destaque em 18 de dezembro de 2024, quando o Senado aprovou a medida. O texto, que segue para sanção presidencial, permite que os dispositivos sejam levados na mochila, mas restringe seu uso a situações específicas, como atividades pedagógicas, acessibilidade para estudantes com deficiência ou emergências. Caso sancionado, o projeto entrará em vigor no próximo ano letivo.

O que diz a lei aprovada na Câmara:

Todos os estudantes poderão portar o celular, mas sem utilizá-lo;
Uso do celular proibido em todas as etapas da educação básica (educação infantil até o ensino médio) em sala de aula, no recreio e nos intervalos de aula;
Uso permitido para fins pedagógicos sob orientação de educadores; para promover acessibilidade de estudantes com deficiência; para garantia de direitos fundamentais;
Uso permitido em situações de estado de perigo, estado de necessidade, caso de força maior.

O debate legislativo sobre a presença de celulares em sala de aula evidencia a necessidade de uma análise criteriosa sobre os impactos da tecnologia no ambiente educacional, contemplando questões fundamentais como limites, privacidade e os efeitos no desenvolvimento cognitivo, emocional e social dos estudantes.

No contexto brasileiro, essa discussão ressalta a importância de políticas públicas que considerem as profundas desigualdades estruturais nas escolas. Enquanto algumas instituições contam com infraestrutura adequada para integrar o uso de celulares de forma produtiva, muitas outras ainda enfrentam desafios básicos, como falta de recursos tecnológicos e materiais pedagógicos essenciais. Assim, qualquer iniciativa deve ser acompanhada de investimentos consistentes em formação docente, aquisição de tecnologia e desenvolvimento de materiais didáticos adaptados às realidades locais.

A ausência de regulamentação clara e a dificuldade em incorporar o celular como ferramenta pedagógica têm, muitas vezes, transformado o aparelho em uma fonte de distração dentro das escolas. Essa situação afeta diretamente o processo de ensino-aprendizagem, contribuindo para queda no desempenho acadêmico, dispersão, aumento da ansiedade e enfraquecimento das interações sociais entre os alunos no ambiente escolar.

Entretanto, o celular também desponta como um recurso promissor quando utilizado com objetivos educacionais bem definidos. Estudos apontam que, sob controle

e orientação adequada, ele pode enriquecer significativamente o aprendizado. Estratégias como gamificação, pesquisas instantâneas e produção de conteúdo digital por parte dos estudantes exemplificam como os celulares podem complementar e dinamizar as práticas pedagógicas tradicionais. Além disso, aplicativos educacionais, bibliotecas digitais e materiais multimídia ampliam as possibilidades de acesso ao conhecimento, especialmente em contextos com restrições de recursos físicos e bibliográficos.

Transformar o celular em uma ferramenta eficaz para a educação exige uma abordagem fundamentada na experimentação, na avaliação contínua e na adaptação às necessidades específicas de cada realidade escolar. A proibição pura e simples não aborda a complexidade do problema e pode limitar oportunidades valiosas de inovação pedagógica. É necessário ressignificar o uso desse dispositivo, promovendo práticas que ampliem os horizontes educacionais, estimulem o pensamento crítico e fortaleçam as relações entre estudantes, professores e o conhecimento.

BLOCO 4: A formação do leitor: ler para viver²!

Ao refletir sobre o impacto das tecnologias na leitura e na escrita, nos questionamos se estamos utilizando esses recursos para “ler mais e melhor” ou se a dispersão digital compromete o hábito da leitura.

Enquanto a proibição do uso dos celulares nas escolas é discutida no Congresso Nacional, pesquisas como a Retratos da Leitura no Brasil - a mais completa e aprofundada pesquisa sobre os hábitos de leitura do brasileiro - revelam um cenário preocupante: o declínio do número de leitores regulares. Será o celular um vilão nesse processo, ou uma ferramenta subaproveitada no desenvolvimento da leitura e do aprendizado?

A queda no índice de leitura no Brasil, com apenas 53% da população se identificando como leitora em 2024, nos faz refletir sobre o papel das tecnologias na formação dos hábitos de leitura. Vale lembrar que para a pesquisa, a definição de leitor e não leitor compreende os seguintes requisitos: **leitor** é aquele que leu, inteiro ou em

² Ler para viver. Gustave Flaubert, Carta a mlle. de Chantepie, julho de 187.

partes, pelo menos um livro de qualquer gênero, impresso ou digital, nos últimos 3 meses; e **não leitor** é aquele que declarou não ter lido nenhum livro, ou parte de um livro, nos últimos 3 meses, mesmo que tenha lido nos últimos 12 meses.

Outro dado relevante da pesquisa aponta para o percentual de leitores na Região Sul do país, em 2019 este índice era de 58%, em 2024 passou para 53%. Nesta 6ª edição de Retratos da Leitura no Brasil, Santa Catarina conta com 64% de leitores entre seus habitantes, Paraná com 54% e o Rio Grande do Sul com 46%.

Quando lançamos o olhar para percentual de leitores em relação ao gênero e idade, pessoas identificadas com o sexo feminino correspondem a 54% (2019) e 49% (2024) contra 50% (2019) e 44% (2024) do sexo masculino. Em relação a idade, a faixa etária que compreende os anos da Educação Básica, apresenta os maiores índices de leitores, com pico entre 11 e 13 anos de idade em 2019 e 2024 correspondem a 81% de leitores.

A renda familiar também impacta na formação do leitor, famílias com renda até um salário mínimo apresentam índices mais baixos de leitores, quais sejam, em 2019 46% e 2024 39%. A maior incidência de leitores se encontra em unidades familiares com renda que corresponde a mais de 10 salários mínimos, sendo 70% em 2019 e 59% em 2024.

De acordo com os dados apresentados, o número de leitores no Brasil sofreu uma redução significativa nos últimos quatro anos, com a perda de 6,7 milhões de leitores. Pela primeira vez na série histórica da pesquisa, a proporção de não-leitores superou a de leitores: 53% da população não leu sequer parte de um livro – seja impresso ou digital, de qualquer gênero, incluindo didáticos, bíblia e religiosos – nos três meses que antecederam o levantamento.

A pesquisa também nos convida a questionar a relação entre o tempo dedicado ao celular e a formação leitora. Se o índice de leitura no Brasil está em declínio, não seria mais produtivo ensinar os estudantes a usar o celular como uma ferramenta de leitura e pesquisa?

O celular, hoje, é uma extensão da vida cotidiana, especialmente para os jovens. Ele proporciona acesso imediato a uma infinidade de informações e conteúdos, mas também compete com a atenção necessária para leituras mais profundas e reflexivas.

É inegável que o tempo excessivo dedicado a redes sociais, vídeos curtos e jogos pode reduzir o espaço para a leitura de livros, impressos ou digitais. Contudo, a questão central não é o dispositivo em si, mas como ele é usado.

Transformar o aparelho em um aliado requer um esforço conjunto entre escola, famílias e governos. É preciso investir em formação docente, criar políticas públicas que incentivem o uso pedagógico da tecnologia e promover campanhas que valorizem a leitura em todas as suas formas. Aplicativos de leitura, audiolivros e bibliotecas digitais são recursos que democratizam o acesso ao conhecimento e ampliam os horizontes leitores. O caminho está no equilíbrio: ensinar os jovens a usarem o celular de forma crítica e produtiva, aproveitando suas possibilidades sem se perderem nas distrações.

Bloco 5: Reflexão Final e Encerramento

Ao longo deste episódio de Vozes da Educação, navegamos pela fascinante jornada da leitura e da tecnologia, refletindo sobre como essas duas dimensões moldam a formação de leitores e cidadãos no mundo contemporâneo. Inspirados por Alberto Manguel, entendemos que ler é muito mais do que decifrar palavras. É um ato tão vital quanto respirar, que nos conecta ao passado, ao presente e ao futuro.

A evolução dos meios de comunicação nos mostrou que, desde os tablettes de argila até os tablets digitais, nossa busca por registrar e transmitir conhecimento é incessante. No entanto, as transformações tecnológicas, como o uso de celulares, trazem desafios e oportunidades. Cabe a nós decidir se esses dispositivos serão barreiras ou pontes para o aprendizado. Afinal, como discutimos, a questão não é o que usamos, mas como utilizamos essas ferramentas.

A leitura nos transforma. Seja em uma página impressa, em uma tela ou por meio de uma conversa como esta, ela é a chave para entender a nós mesmos e ao mundo à nossa volta. Assim como os antigos tablettes de argila sumérios e babilônios, que imortalizaram registros, aprendizagens e memórias vivenciadas ao longo de milênios, as tecnologias contemporâneas têm o potencial de registrar, disseminar e expandir o conhecimento humano. No entanto, para que desempenhem esse papel de

forma significativa, é indispensável que sejam utilizadas com equilíbrio, intencionalidade e uma compreensão clara de seu propósito educativo e transformador.

Agora, queremos ouvir de você: como a leitura tem transformado sua vida? De que maneira as tecnologias têm moldado sua forma de aprender e de se conectar com o conhecimento? Compartilhe suas reflexões conosco! Deixe seu comentário em nossas redes sociais e divida sua experiência com a gente. Você pode revisar o programa acessando a página da Rádio no Facebook, ou ler o texto completo, com sugestões de leitura, em nosso site.

Encerramos com um convite à ação: que possamos, juntos, transformar as tecnologias em ferramentas poderosas para formar leitores críticos e conscientes. Agradecemos por nos acompanhar no primeiro episódio de *Vozes da Educação*. Até a próxima semana! Lembre-se: ler é um ato de resistência e de esperança. Boas leituras e boas energias!

Produção/Apresentação: Mariela Magali Faller

Direção Técnica: Gilmar Santos

Direção de Produção: Eduardo Maurer Gomes

REFERÊNCIAS:

BRASIL. Senado Federal. Projeto de Lei n.º 515, de 2023. **Proíbe o uso de celulares por estudantes da educação básica durante as aulas, no recreio e nos intervalos.**

Disponível em:

<<https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/166801>>. Acesso em: 10 dez. 2024.

G1. **Quase 25% dos países proíbem o uso de celulares nas escolas, diz UNESCO.** 2024. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2024/11/13/quase-25percent-dos-paises-proibem-o-uso-de-celulares-nas-escolas-diz-unesco.ghtml>>. Acesso em: 30 dez. 2024.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da leitura no Brasil:** apresentação 2024.

Disponível em:

<https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2024/11/Apresentac%CC%A7a%CC%83o_Retratos_da_Leitura_2024_13-11_SITE.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2024.

MANGUEL, Alberto. **Uma História da Leitura**. Tradução: Pedro maia Soares. - 1ª ed. - São Paulo: Companhia de Bolso, 2021.

Sugestões de leituras:

ÁRVORE. **Gamificação na educação**: como engajar alunos e potencializar a aprendizagem. Disponível em:
<<https://www.arvore.com.br/blog/gamificacao-na-educacao>>. Acesso em: 19 dez. 2024.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Saiba como o MEC tem trabalhado pela alfabetização**. 2024. Disponível em:
<<https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2024/setembro/saiba-como-o-mec-tem-trabalhado-pela-alfabetizacao>>. Acesso em: 26 dez. 2024.

NAÇÕES UNIDAS. **O impacto dos smartphones na saúde mental de crianças e adolescentes é cada vez maior, alerta especialista da ONU**. 2023. Disponível em:
<https://news.un.org/pt/story/2023/07/1818137>. Acesso em: 23 dez. 2024.

SIANI, Phelipe. Livro é aprendizado ou entretenimento? Pedro Pacífico, o Bookster, responde. CNN Brasil, 21 nov. 2022. Disponível em:
<<https://www.cnnbrasil.com.br/blogs/phelipe-siani/entretenimento/livro-e-aprendizado-o-u-entretenimento-pedro-pacifico-o-bookster-responde/>>. Acesso em: 27 dez. 2024.

SILVA, João. **4 dicas para ler mais e criar o hábito de leitura, segundo o autor de "Hábitos Atômicos"**. Exame, São Paulo, 29 dez. 2024. Disponível em:
<https://exame.com/webstories/carreira/4-dicas-para-ler-mais-e-criar-o-habito-de-leitura-segundo-o-autor-de-habitos-atomicos/>. Acesso em: 30 dez. 2024.

SOARES, Magda. **Magda Soares responde**. Disponível em:
<[://www.ceale.fae.ufmg.br/pages/view/magda-soares-responde-2.html](https://www.ceale.fae.ufmg.br/pages/view/magda-soares-responde-2.html)>. Acesso em: 30 dez. 2024.

SOUZA, Mariana. **Clubes de leitura em Brasília estimulam relações humanas**. Correio Braziliense, Brasília, 29 dez. 2024. Disponível em:
<<https://www.correiobraziliense.com.br/cidades-df/2024/12/7013813-clubes-de-leitura-e-m-brasilia-estimulam-relacoes-humanas.html>>. Acesso em: 30 dez. 2024.

TERRA, **Leitura na primeira infância**: especialista dá 3 dicas para ler mais com os pequenos. Terra, 30 nov. 2024. Disponível em:
<<https://www.terra.com.br/noticias/educacao/leitura-na-primeira-infancia-especialista-da-3-dicas-para-ler-mais-com-os-pequenos,1b73a191031cb52e20f7f39fc54d91f2gldqygqc.html>>. Acesso em: 20 dez. 2024.